

PRODUÇÃO, TRANSMISSÃO E REENQUADRAMENTO DO CONHECIMENTO POR VIA DA HISTÓRIA DAS MULHERES: O CASO DA 1.^a REPÚBLICA

João Esteves¹

CEHC, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Portugal

Resumo

O caso da história social e política da 1.^a República é particularmente expressivo quanto ao contributo da História das Mulheres, porque denota a preocupação de desconstruir silêncios que há muito as subjugavam e de integrar a intervenção e vivências femininas nos diferentes domínios da sociedade e do quotidiano, com as fontes a quebrarem mutismos, a revelarem as mulheres e a tornarem-se passíveis de outras reinterpretações e, como tal, mais próximas da reconstrução de uma história global e total, porque inclusiva. Por via da História das Mulheres houve vasta produção historiográfica e mediatismo no período em causa, com impacto na academia e no público mais generalista.

Palavras-chave: história das mulheres, historiografia, 1.^a República, reescrita.

Abstract

Production, transmission and reframing of knowledge through the history of women: the case of the 1st Republic

The social and political history of the 1st Republic example expresses particularly well the Women's History contribution because it reveals the worry to deconstruct silences that subjugated women for long. It also shows the intent to integrate interventions and feminine life experiences in different domains of society and everyday life through sources that break their mutism revealing women. In doing so, new interpretations become possible, hence, nearer the reconstruction of a global and total history, because it is inclusive. Through Women History, there has been a large amount of historiographical production and media in that period of time, with an impact in academics and public.

Keywords: women's history, historiography, 1st Republic, rewriting.

Resumen

Producción, transmisión y reencuadramiento del conocimiento a través de la historia de las mujeres: el caso de la primera República

El caso de la historia social y política de la primera República es particularmente expresivo cuanto al contribución de la Historia de las Mujeres, porque denota la preocupación de desconstruir silencios que hace mucho las subyugaban y de integrar la intervención y vivencias femeninas en los diferentes dominios de la sociedad y del cotidiano, con las fuentes quebrando mutismos, revelando las mujeres y haciéndose pasibles de otras reinterpretaciones y, como tal, más próximas de la reconstrucción de una historia total, porque inclusiva. Por vía de la Historia de las Mujeres hubo vasta producción historiográfica

¹ Centro de Estudos de História Contemporânea, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Portugal. jotaesteves@sapo.pt

fica y mediática en el periodo en causa, con impacto en la academia y en el público más generalista.

Palabras clave: historia de las mujeres, 1.^a república, historiografía, reescrita.

A história social e política da 1.^a República é, de certa forma, exemplar quanto ao contributo da História das Mulheres e dos Estudos Sobre as Mulheres na renovação das suas abordagens historiográficas.

A 1.^a República foi vivida no quotidiano por mais de três milhões de portuguesas (mais de metade da população coeva) e, perfilhassem ou não aqueles ideais, os seus percursos marcaram, mesmo, as trajetórias do país durante aquele período (Pinto, 2010).

Atualmente, é adquirido o envolvimento político de alguns milhares na preparação, triunfo, defesa e construção do novo regime, mediante continuada intervenção individual e coletiva a partir de 1908, ano a que se assistiu à tentativa consciente de republicanização das mulheres e à sua visibilidade associativa e política (Esteves, 2008), assim como, do lado oposto, coexistiram monárquicas (Stone, 2010, 2011) e católicas (Moura, 2010, 2011) não menos empenhadas e ativas. Estas vivências revelaram-se antagónicas nos anos que antecederam a República, não se cruzaram durante os dezasseis anos que ela durou, nem mesmo durante o período da Guerra quando todas procuraram envolver o país no apoio aos militares mobilizados para África e Europa e suas famílias, procurando auxiliá-los, material e moralmente, e continuaram independentes na vigência das Ditaduras Militar e do Estado Novo.

Celebrações da 1.^a República: silenciamentos e visibilidades

No entanto, recuando até 1960, aquando do quinquagésimo aniversário da República, pouquíssimas mulheres mereceram citação, fotografia ou enquadramento na historiografia daquele período, centrada na valorização unilateral dos intervenientes masculinos, dando continuidade à omissão das incursões femininas no espaço público na transição do século XIX para o XX.

Na década seguinte, Helena Neves (1972) introduziu na *Seara Nova* a problemática «A mulher portuguesa no advento da República», com destaque de capa, e traçou, na extinta revista *Mulheres*, em mais de duas dezenas de artigos de divulgação junto do público feminino, a evolução dos movimentos de mulheres em Portugal, caracterizando a imprensa, organizações, ideologias, reivindicações e lutas durante a Monarquia, República e Estado Novo (Neves, 1979-1981). Por sua vez, Maria José Madail Rosa (1979) realizou, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, uma tese de licenciatura sobre a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas e, quase uma década depois, João Esteves (1988) concluiu,

na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a dissertação de mestrado em História dos Séculos XIX e XX sobre aquela organização política e feminista.

A septuagésima quinta celebração (1985) passou, deliberadamente, quase despercebida, no octogésimo aniversário destacou-se o texto de Fátima Ribeiro de Medeiros (1991) sobre Ana de Castro Osório e na última década e meia, «As Mulheres da República», enquanto objeto de estudo, adquiriram inusitada relevância, beneficiando, em parte, do Centenário da República Portuguesa, com as comemorações realizadas a nível nacional e local, fossem elas de carácter oficial, académico, escolar ou associativo, estendendo-se ainda à edição, à blogosfera e à comunicação social, a incluí-las enquanto intervenientes ativas. Aliás, este incontestado interesse pelo papel das mulheres de há cem anos terá constituído a sua característica mais inovadora e proeminente, extravasando o espaço universitário e atraindo o interesse do público, de coletividades e da imprensa.

Depois de arredadas dos manuais dos sucessivos ciclos de escolaridade (Alvarez, 2007), excluídas ou minorizadas em dicionários, enciclopédias, cronologias, memórias, Histórias de Portugal e teses, situação exposta em repertórios (Coelho *et al.*, 1995), nas inventariações de Irene Vaquinhas (1996, 2000, 2002, 2003) e de Anne Cova (1999, 2003) e nas bibliografias detalhadas de Ana Nunes de Almeida (1987), de Luís Esteves de Melo Campos (1989) e de Maria Regina Tavares da Silva (1999), ausentes de conferências, colóquios e congressos (Esteves, 2003), as atenções recaíram em catadupa sobre as protagonistas – feministas, pacifistas, maçónicas, republicanas, sufragistas, monárquicas, católicas, conservadoras – no advento da revolução de Outubro de 1910, resgatando-as e transformando-as, repentinamente, em «heroínas». Do lado republicano e do lado monárquico e católico, em abordagens historiográficas nunca antes tão claramente concretizadas.

O busto feminino da República foi revisitado enquanto símbolo do regime triunfante, entretanto caído em desuso; as doutoras Adelaide Cabete e Carolina Beatriz Ângelo emergiram como bordadeiras clandestinas de uma vintena de bandeiras verdes e rubras usadas durante o 5 de Outubro; a mesma Carolina converteu-se em referência sufragista ao contornar a lei eleitoral e votar em 1911, tornando-se a primeira mulher a fazê-lo em toda a Europa do Sul e uma das primeiras a exercer esse direito em todo o mundo; desportaram aquelas que, pela proximidade à monarquia e/ou religiosidade, intervieram na defesa de princípios e valores agora ameaçados; desenterraram-se nomes locais; evidenciaram-se episódios há muito olvidados; vislumbrou-se um associativismo pujante e diversificado.

Passou-se da inexistência ou silenciamento das incursões femininas no espaço público para a sua valorização e a temática «As Mulheres e a República» tornou-se incontornável e até *politicamente correta*.

Momentos de mudança

O que é que de tão extraordinário sucedeu entre os anos 1980 e a primeira década do século XXI para que se verificasse esta súbita transformação na produção historiográfica, a par da crescente visibilidade junto da opinião pública e em encontros científicos da área das Ciências Sociais e Humanas?

Por um lado, o papel desempenhado desde finais dos anos 1970 pela então Comissão da Condição Feminina (CCF)/Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres (CIDM)/Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG) (Silva, 2013) e o trabalho precursor de valorização e divulgação de ativistas e intelectuais das primeiras décadas do século XX. Por outro, durante a primeira metade da década de 1980, a relevância que o enfoque nos papéis históricos das mulheres ganhou nos meios académicos, explícita no colóquio *A Formação de Portugal Contemporâneo: 1900 – 1980*, organizado em dezembro de 1981 pelo então Gabinete de Investigações Sociais e que contou com comunicações de Maria Regina Tavares da Silva, Judite de Almeida Rodrigues e José Machado Pais na secção «Cultura e Vida Quotidiana» (*Análise Social*, vol. XIX (77-78-79), 1983-3^o-4^o-5^o) e, depois, nos seminários e simpósios centrados na «Mulher» promovidos, em 1983, pela Comissão da Condição Feminina (*Seminário de Estudos sobre a Mulher*) e, em 1985, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (*Colóquio Interdisciplinar sobre a Mulher em Portugal*) e Instituto de História Económica e Social da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (*A Mulher na Sociedade Portuguesa*, envolvendo uma plêiade de historiadores e atraindo numerosa assistência).

Na década seguinte, intensificou-se a edição de dissertações de Mestrado publicadas no âmbito do Prémio Mulher Investigação Carolina Michaëlis de Vasconcelos, patrocinado pelas Organizações Não Governamentais do Conselho Consultivo da CIDM, nomeadamente *Quotidianos Femininos (1900-1933)* de Paulo Guinote (1997), *As mulheres no mercado de trabalho em Portugal: representações e quotidianos (1890-1940)*, de Virgínia do Rosário Baptista (1999), e «*Onde há galo não canta galinha*» – *Discursos femininos, feministas e transgressivos nos anos vinte em Portugal*, de Anne Martina Emonts (2001); implementaram-se os Estudos Sobre as Mulheres (Cova, 1998), englobando núcleos localizados em meios universitários (Souza, 2003); concretizou-se a criação de Mestrados, de que se destaca o da Universidade Aberta, criado em 1994 e a funcionar desde 1995; surgiram associações de investigadores – APEM, em 1991 e APIHM, em 1997 – com resultados na promoção de colóquios temáticos e a publicação de duas revistas nessa área – *ex-aequo* e *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher* –, ambas datadas de 1999 e que se continuam a editar; a par da organização regular de encontros multidisciplinares de carácter científico, académico e generalista.

No mesmo espaço temporal, Cecília Barreira publicou *História das nossas avós (Retrato da burguesa em Lisboa, 1890-1930)* e António Candeias (1994), António Nóvoa (1987, 1992), Helena Costa Araújo (2000) e Joaquim Ferreira Gomes (1987, 1991), entre outros investigadores da área das Ciências da Educação, produziram

estudos com enfoque na educação e instrução femininas e o papel das professoras na transição do século XIX para o XX e primeiras décadas deste.

Individualmente, ou em simultâneo, tais iniciativas, algumas à margem das cátedras universitárias, determinaram novos caminhos da investigação e proporcionaram o aparecimento de uma bibliografia recente envolvendo a transição da Monarquia para a República, a 1.ª República e a sua substituição pelas Ditaduras, Militar e do Estado Novo, e que tem servido de referência a outros olhares sobre esses períodos, redescobrimo os papéis femininos até há pouco ignorados, secundarizados ou menosprezados.

Teses, estudos, exposições, catálogos, biografias, agendas, roteiros e dicionários

Num curto espaço de tempo constituiu-se um alargado conjunto de estudos abarcando catálogos de exposições, biografias, agendas e roteiros, dicionários, livros didáticos, histórias e outras obras de referência.

Primeiro, os estudos centraram-se no associativismo feminino, envolvendo a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (1908-1919), a Associação de Propaganda Feminista (1911-1918), a Associação Feminina de Propaganda Democrática (1915-1916) (Esteves, 1992, 1998a, 1998b) e o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947) (Gorjão, 1994, Lamas, 1995, Esteves, 2006a, Costa 2007), e nas protagonistas republicanas (Armada, 2010, 2011), sendo ainda de referir, para o período entre 1910 e 1926, a síntese *Mulheres e Republicanismo (1908-1928)* (Esteves, 2008) e *As Mulheres e a I República* (Mariano, 2011).

Mas a análise mais abrangente desse período, por não se confinar ao associativismo e olhar para a plenitude de mulheres que se cruzaram naquele tempo, encontra-se no Catálogo *Percursos, conquistas e derrotas das mulheres na 1.ª República* (Pinto, 2010), referente à Exposição de 28 painéis com o mesmo nome, organizada na Biblioteca Museu República e Resistência no âmbito das Comemorações Municipais do Centenário da República, inserindo textos de Ilda Abreu, Isabel Lousada, João Esteves, Maria do Céu Borrêcho, Maria Emília Stone, Maria Lúcia de Brito Moura, Natividade Monteiro, Paulo Guinote, Teresa Pinto e Zília Osório de Castro. Uma década antes, em 2001, organizara-se a Exposição *Quotidiano Feminino (1900-1940)* (2001) por proposta de Paulo Guinote, cujo Catálogo reuniu textos e 120 fotografias que procuraram retratar o universo mental, social e político das mulheres naquelas décadas, combinando a esfera pública (educação, trabalho, lazer e diversão, moda, cultura, política, cidadania, marginalidade, prostituição) com aquela mais privada (do nascimento à adolescência, namoro, casamento, maternidade, divórcio, adultério, homossexualidade, corpo).

A obra coletiva *Mulheres na I República: percursos, conquistas e derrotas* (Castro *et al.*, 2011), prefaciada por Fernando Catroga e colaboração de Isabel Baltazar, João Esteves, Maria do Céu Borrêcho, Maria Emília Stone, Maria Lúcia Brito de

Moura, Natividade Monteiro, Paulo Guinote, Sandra Leandro e Zília Osório de Castro, deu continuidade à mesma perspetiva ao destacar as vivências das mulheres, suas conquistas e derrotas, e abarcar a vertente política, fosse ela republicana, monárquica ou católica, o associativismo, a intelectualidade, o ensino, a educação, o trabalho, o teatro, as artes e as «marginalidades», representadas pela criminosa, a prostituta, a adúltera e a homossexual.

As biografias, uma das grandes deficiências da historiografia portuguesa (Oliveira Marques, 2004), evoluíram e prosperaram na última década e meia, enquanto género recuperado pela academia e junto do público generalista, sob a influência, evidente, da História das Mulheres e dos Estudos Sobre as Mulheres.

Depois dos textos de Regina Tavares da Silva e, pontualmente, de Ana Vicente no *Boletim da Condição Feminina* em finais da década de 1970, as biografias e histórias de vida tiveram impulso significativo e impuseram-se. Sobre a feminista e republicana Ana de Castro Osório escreveram-se: «A Coleção Castro Osório – Ana de Castro Osório (1872-1935)» (Esteves, 1997); *Ana de Castro Osório et le mouvement féministe portugais* (Karine Coelho, 2000), *Mémoire pour l'obtention du DEA d'Etudes Portugaises Brésiliennes et de l'Afrique Lusophone*, sob a direção de Anne-Marie Quint; *Ana de Castro Osório e as origens do feminismo em Portugal* (Moacho, 2003), dissertação de mestrado apresentada no ISCTE sob orientação de Fátima Sá Melo Ferreira; e, recentemente, *Ana de Castro Osório e a Mulher Republicana Portuguesa: Veículo de Regeneração da Nação e de Preservação da Identidade Nacional* (Cordeiro, 2012), dissertação de mestrado apresentada na Universidade de Minnesota e editada com prefácio de Fátima Sequeira Dias.

Sob a orientação de Anne Cova, concluíram-se, na Universidade Aberta, dissertações de mestrado versando Maria Lamas (Fiadeiro, 2003), Adelaide Cabete (Eduardo, 2004), Domitila de Carvalho (Carvalho, 2004) e Maria Veleda (Monteiro, 2004a, 2012). Não por acaso, tendo em atenção as respetivas responsáveis, a CIDM, atual CIG, iniciou, em 2004, a publicação da Coleção Fio de Ariana, dedicada a mulheres que lutaram pelos seus direitos cívicos e políticos, de que se editaram *Maria Veleda (1871-1955)* (Monteiro, 2004b), *Carolina Beatriz Ângelo (1877-1911)* (Silva, 2005) e *Adelaide Cabete (1867-1935)* (Lousada, 2010), estando prevista a saída, em 2014, de *Ana de Castro Osório (1872-1935)*. Por sua vez, coincidindo com o centenário, a editora Fonte da Palavra inseriu na coleção Livros República opúsculos dedicados a Adelaide Cabete (Lousada, 2011) e Carolina Beatriz Ângelo (Garcia, 2011).

A mesma Comissão realizou, em outubro de 2004, a *Exposição Fotobiográfica de Elina Guimarães (1904-2004)*, comemorativa do centenário do nascimento da jurista, feminista e defensora dos direitos das mulheres, e colaborou, em 2005, com a Biblioteca Museu República e Resistência na Exposição dedicada a *Maria Veleda – Uma Professora Feminista, Republicana e Livre-Pensadora*, na sequência das investigações feitas por Natividade Monteiro, ambas com edições de consulta preciosa. O carácter biográfico estendeu-se a *As Primeiras Damas da República Portuguesa (1910-2005)* (2006), nome da Exposição organizada pelo Museu da Presi-

dência da República em Outubro de 2005 que incluiu um núcleo centrado na I República onde se valorizou, entre outros aspetos, a intervenção associativa de Elzira Dantas Machado. A mesma temática mereceu, no âmbito da Coleção dedicada às Fotobiografias dos Presidentes da República, a edição *As Primeiras-Damas*, dividida cronologicamente em três períodos – Primeira República (Esteves, 2006b), Ditadura Militar / Estado Novo, Democracia. Na sequência do centenário da República, o Museu da Guarda dedicou uma exposição a Carolina Beatriz Ângelo – *Intersecções dos sentidos / palavras, actos e imagens* –, cujo catálogo, sob coordenação de Dulce Helena Pires Borges, registou a colaboração de escritos da autoria de António Lopes, Dulce Helena Pires Borges, Isabel Lousada, João Esteves, Madalena Braz Teixeira, Manuela Tavares, Maria Antonieta Garcia, Maria do Sameiro Barroso, Maria Helena Carvalho dos Santos e Teresa Pizarro Beleza (Borges, 2010).

Dentro do âmbito biográfico, por reconhecida influência da História das Mulheres, é ainda de referir a tese de Mestrado em Comunicação e Jornalismo da Universidade de Coimbra *Virgínia Quaresma (1882-1973). A primeira jornalista portuguesa* (Seixas, 2004), sob orientação de Isabel Vargues; e as obras *Operárias e Burguesas. As mulheres no tempo da República* (Samara, 2007) e *Carolina Beatriz Ângelo – Guarda(dora) da Liberdade (1878-1911)* (Garcia, 2009).

Um género que denota o crescente interesse pelas mulheres da República é o das Agendas (*As Mulheres e a República – Agenda Feminista 2010, e Agenda 2009 para a Igualdade*) e dos Roteiros (2010), direcionados para o grande público, tendo como pressupostos a releitura das fontes, a redescoberta daquelas enquanto sujeitos e agentes da história e a sua divulgação.

O impacto da História das Mulheres estendeu-se, inegavelmente, aos dicionários, com repercussões no *Dicionário de Educadores Portugueses* (Nóvoa, 2003), contendo muitas dezenas de entradas de educadoras, professoras e pedagogas, e *Dicionário de História da I República e do republicanismo* (2013, 2014). Assumidamente, passou a haver consciência da valorização da pesquisa de nomes femininos e da sua presença em obras de consulta. Por sua vez, o *Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)* (Castro e Esteves, 2005) e *Feminae. Dicionário Contemporâneo* (Castro e Esteves, 2014), projetos coletivos de dezenas de estudiosos que, entre outros objetivos, procurou dar visibilidade a mulheres que, dalgum modo, lutaram pelos seus direitos e/ou intervieram publicamente, compreendendo, ainda, entradas sobre periódicos, instituições, congregações religiosas, organizações, contêm relevantes dados para a época em análise. A lista de autores/autoras e a comparação com dicionários anteriores, onde são notórias as lacunas e ausências de nomes femininos, por mais relevantes que fossem, evidenciam o quanto já se retificou nos enfoques a ter quando se estuda a 1.ª República.

Também os livros didáticos, que condicionam, direta e indiretamente, a formação anual de milhares e milhares de alunos e, simultaneamente, refletem a historiografia dominante em cada época, têm sido reatualizados, apesar de se notar que «a sub-representação e a estereotipia são os traços que caracterizam as ima-

gens de mulheres nos manuais escolares de História do ensino secundário, nos conteúdos relativos à época contemporânea» (Alvarez, 2014: 364). Continua-se a não valorizar a sua relevância «para o conjunto da sociedade de mulheres e de homens, num dado momento histórico» (Alvarez, 2014: 366), embora se constate a introdução pontual de mulheres – Ana de Castro Osório, Carolina Beatriz Ângelo, Carolina Michaëlis de Vasconcelos... –, dando seguimento ao conteúdo sexista há muito predominante, quer quanto a imagens, quer quanto a conteúdos.

Embora de forma muito incompleta, referia-se a multiplicidade de artigos surgidos nos últimos quinze anos em periódicos espalhados pelo país e em revistas de especialidade, uns mais de natureza teórico-metodológica, como os publicados em *ex-aequo*, outros mais centrados em histórias de vida, como os inseridos em *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, e outros mais analíticos, nomeadamente os incluídos na *Análise Social, Ler História e Penélope*, e que revelam, indiscutivelmente, mudança e/ou ruturas de paradigma na abordagem aos dezasseis anos da 1.^a República.

Um último reduto, quase inexpugnável, tem sido o das Histórias de Portugal, onde as mulheres continuam a não ter destaque na narrativa enquanto sujeitos e agentes históricos, ressaltando-se o texto, significativamente remetido para Apêndice, «História no feminino: os movimentos feministas em Portugal» (Silva, s./d.) na obra dirigida por João Medina. Combatida a exclusão e a ausência, predomina a sua secundarização ou guetização nos capítulos referentes à contemporaneidade, exatamente o período mais fértil na afirmação feminina nos vários domínios do espaço público político, económico, cultural e social.

Rompendo fronteiras

O impacto destes estudos ultrapassou, nos últimos anos, as fronteiras nacionais, ainda que de forma desigual. Depois de um prolongado desconhecimento internacional do caso português, verificou-se na última década e meia intercâmbio profícuo com as principais referências internacionais da área dos Estudos sobre as Mulheres – Ann Taylor Allen, Anne Cova, Bonnie S. Anderson, Christine Bard, Efi Avdela, Françoise Thébaud, Gisela Bock, Karen Offen, Mary Nash, Michela De Giorgio, Michelle Perrot, Michelle Zancarini-Fournel, Mónica Raisa Schpun –, com a participação destas em encontros científicos no país. Simultaneamente, avançou-se para a edição de alguns desses colóquios com incidência nas perspetivas teóricas e metodológicas: *Falar de Mulheres: Da Igualdade à Paridade* (Castro et al., 2003); *Écrire l'Histoire des Femmes en Europe du Sud: XIX^e-XX^e Siècles* (Cova et al., 2003); *Novos Olhares: Passado e Presente nos Estudos Sobre as Mulheres em Portugal* (Teresa Joaquim et al., 2003); *Desafios da Comparação: Família, Mulheres e Género em Portugal e no Brasil* (Cova et al., 2004); *História Comparada das Mulheres: Novas Abordagens* (Cova et al., 2008); *Falar de Mulheres: História e Historiografia* (Castro et al., 2008).

Se as obras de referência internacionais, sejam de matriz anglo-saxónica, francófona ou castelhana, não incorporam a singularidade portuguesa ou abordam-na sumariamente, pouco relevo lhe atribuindo nos estudos comparativos, seja sob o ponto de vista fatural, interpretativo ou transnacional, há crescente interesse na vizinha Espanha: Rosa M. Ballesteros García (2001) sintetizou o movimento feminista português desde o despertar republicano à exclusão salazarista (1909-1947), socorrendo-se de estudos parcelares já editados por autores portugueses e da pesquisa de fontes nacionais, também trabalhadas e dissecadas por aqueles, enveredando também por estudos de figuras femininas das primeiras décadas. Mais recentemente, Ángeles Ezama Gil tem confrontado os casos português e espanhol.

Autores a autoras

Se se atentar nos autores e autoras mencionados, constata-se que muitos e muitas frequentaram Mestrados em Estudos Sobre as Mulheres, nomeadamente o da Universidade Aberta, ou integraram associações e grupos de investigação por si influenciados, podendo-se dizer que aqueles proporcionaram, mediante releitura e revisão dos documentos e fontes primárias, a redescoberta das mulheres na estruturação do passado, contrariando uma visão assexuada dos acontecimentos, deram-lhes visibilidade ao centrar os olhares nelas e na história das relações entre os sexos em múltiplos domínios, produziram novos estudos, influenciaram muitos outros e facilitaram a sua divulgação quer entre a comunidade académica, quer entre o público generalista. E não menos relevante, conseguiu-se transformar em objeto de estudo todas as mulheres, e não apenas as experiências singulares, e fazer chegar a um público alargado e heterogéneo o papel das mulheres enquanto fazedoras da história.

Da «moda» de *As mulheres e a República* à reescrita da História

O caso da 1.ª República é, pois, particularmente significativo quanto à absorção de influências via História das Mulheres, porque houve a preocupação de desconstruir os silêncios que há muito as subjugavam e de integrar a intervenção e vivências femininas nos diferentes domínios da sociedade e do quotidiano, não as limitando nem à família, ao lar e à esfera privada, nem à história política e associativa das vencedoras – aquelas que enfileiraram no republicanismo militante –, e das temporariamente vencidas – monárquicas, católicas e conservadoras, irmanadas até então no mesmo mutismo historiográfico. Espaços, nomes, vozes, testemunhos de figurantes ou protagonistas, episódios, vivências, percursos, factos, costumes, domesticidade, trabalhos, empregos, profissões, educação, instrução, ensino, assistência, crenças, beneficências, associativismo, imprensa –

feminina, feminista, republicana, monárquica, literária, instrução e educação –, artes, quotidianos e marginalidades (Guinote, 1997), até então subvalorizados, mereceram ser olhados, estudados, divulgados e reenquadrados em abordagem interpretativas plurais e multifacetadas.

O espaço público deixava de ser pertença exclusivamente masculina e a percepção dessa contaminação adveio também, ou sobretudo, da História das Mulheres. Talvez o exemplo mais paradigmático dessa simbiose esteja patente na mostra intitulada *Percursos, conquistas e derrotas das mulheres na 1.ª República*, em que «catálogo e a respetiva exposição conferiram centralidade às mulheres no processo da Primeira República», não se confinando a «conferir identidades às mulheres, ou a grupos de mulheres, através da sua inscrição no tempo, mas [...] contribuir para ressignificar o conhecimento histórico sobre o período republicano» (Pinto, 2010: 13).

Porque as mulheres conquistaram visibilidade e a temática «As Mulheres e a República» e o rótulo «no feminino» viraram «moda», é imperativo acautelar riscos – evidenciados pelo frenesim comemorativo e por imediatismos, facilismos e oportunismos –, como descontextualizações, anacronismos, visões unilaterais, valorização de microcosmos, propagação dos mesmos enfoques, baseados em fontes repetidas e restritas, ausência do seu escrutínio, incorreções factuais, generalizações, mitificação de nomes e de acontecimentos, textos laudatórios e inexistência de uma visão global. E como a investigação também se deve rever na sua própria história, importa resgatar trabalhos pioneiros da autoria de Fernando Catroga (1988), de Ivone Leal (1992, 1994) e de Maria Regina Tavares da Silva.

Perante o recente volume de obras, estudos e artigos, importa: ler e reler as fontes primárias; reescrever a História com homens e mulheres a formarem um todo; integrar e enquadrar a republicanização feminina na própria dinâmica da 1.ª República, retirando-a de uma espécie de gueto histórico; visitar documentação; proporcionar outros olhares; integrar a dinâmica destas mulheres, nem sempre coincidentes, e respetivos movimentos sociais no contexto histórico mais vasto, não as confinando a painéis específicos de análise e de interpretação. O seu acantonamento não é uma solução historiográfica.

*

* *

Em síntese, a História das Mulheres e os Estudos Sobre as Mulheres proporcionaram intercâmbios entre áreas do saber e integraram estudiosos de formações e profissões diversas, com reflexos explícitos na produção historiográfica recente. Influenciaram, mesmo se de forma indireta, a Academia, perceptível no número crescente de dissertações de mestrado e de doutoramento envolvendo a temática das mulheres no âmbito da 1.ª República ou integrando-as na análise desta (há quase trinta anos, em 1985, quando me propus fazer uma dissertação sobre Ana de Castro Osório, esta foi considerada irrelevante e, como tal, não

merecedora de reflexão, quanto mais de uma tese). Não só alargaram o universo documental, como impuseram outras abordagens, quer quanto a conteúdos, quer quanto a metodologias, com as fontes a quebrarem silêncios, a «falarem» das mulheres e a tornarem-se passíveis de outras reinterpretações e, como tal, mais próximas da construção de uma História total e global, porque inclusiva. Falta reescrevê-la e reconstruí-la, provavelmente de raiz, sabendo o quão difícil e moroso é contornar o conservadorismo académico e institucional que dificulta o reconhecimento dos contributos da História das Mulheres.

Por via da História das Mulheres houve, pois, produção. Transmissão e publicitação, também. Reenquadramento? Reescrita? É o que urge aprontar. Uma coisa é complementar e reformular a visão mais tradicionalista da República, outra é reescrever a sua História, sendo este o salto decisivo que falta dar, e o mais difícil, por implicar posturas historiográficas e de mentalidade (quase) diametralmente opostas.

O caso da 1.ª República parece constituir uma (feliz) exceção, tendo vindo a contaminar os períodos temporais contíguos.

Referências bibliográficas

- A Mulher na Sociedade Portuguesa. Visão histórica e perspetivas atuais* (1986), Coimbra, IHES, Faculdade de Letras.
- Agenda 2009 para a Igualdade* (2008), Lisboa, CIG.
- As Mulheres e a República – Agenda Feminista 2010* (2009), Lisboa, UMAR e Faces de Eva, FCSH da UNL.
- As Primeiras Damas da República Portuguesa 1910-2005* (2006), Lisboa, Museu da Presidência da República.
- Almeida, Ana Nunes de (1987), *Bibliografia sobre a família e a mulher no Portugal do século XX*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.
- Alvarez, Teresa (2007), *Género e Cidadania nas Imagens de História*, Lisboa, CIG, 2007.
- Alvarez, Teresa (2014), «Imagens de mulheres nos manuais escolares de História», in João Esteves e Zília Osório de Castro (dir.), *Feminae. Dicionário Contemporâneo*, Lisboa, CIG, 364-366.
- Araújo, Helena Costa (2000), *Pioneiras na educação – as professoras primárias na viragem do século: contextos, percursos, experiências, 1870-1933*, Instituto de Inovação Educacional.
- Armada, Fina d' (2010), *As Mulheres na Implantação da República*, Lisboa, Ésquilo.
- Armada, Fina d' (2011), *Republicanas quase desconhecidas*, Temas e Debates – Círculo de Leitores.
- Barreira, Cecília (1992), *História das nossas avós (Retrato da burguesa em Lisboa, 1890-1930)*, Lisboa, Edições Colibri.
- Ballesteros García, Rosa Maria (2001), *El movimiento feminista portugués. Del despertar republicano a la exclusión salazarista (1909-1947)*, Universidad de Málaga, Atenea, Estudios sobre la Mujer, 2001.
- Balsinha, Antónia (2005), *As Mulheres de Alhandra na Resistência – Anos quarenta, século XX*, Vila Nova de Gaia, Editora Ausência.
- Baptista, Virgínia do Rosário (1999), *As mulheres no mercado de trabalho em Portugal: representações e quotidianos (1890-1940)*, Lisboa, ONG do Conselho Consultivo da CIDM.

- Borges, Dulce (2010) (coord.), *Carolina Beatriz Ângelo – Intersecções dos sentidos / palavras, actos e imagens*, s.l., IMC-Museu da Guarda.
- Campos, Luís Esteves de Melo (1989), *A mulher em textos e contextos – Um recenseamento bibliográfico*, Lisboa, CCF.
- Candeias, António (1994), *Educar de outra forma: A Escola-Oficina N.º 1 de Lisboa, 1905-1930*, Instituto de Inovação Educacional.
- Carvalho, Margarida de (2004), *Domitila de Carvalho: biografia de um percurso singular!*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Castro, Zília Osório de et al. (2003) (dir.), *Falar de Mulheres: Da Igualdade à Paridade*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Castro, Zília Osório de et al. (2008), *Falar de Mulheres: História e Historiografia*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Castro, Zília Osório de et al. (2011), *Mulheres na I República: percursos, conquistas e derrotas*, Lisboa, Edições Colibri.
- Castro, Zília, Esteves, João (2005) (dir.), *Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Castro, Zília, Esteves, João (2014) (dir.), *Feminae. Dicionário Contemporâneo*, Lisboa, CIG.
- Catroga, Fernando (1988), *A militância laica e a descristianização da morte em Portugal – 1865-1911*, Coimbra.
- Coelho, Karine (2000), *Ana de Castro Osório et le mouvement féministe portugais*, Paris.
- Coelho, Maria Helena da Cruz, Ribeiro, Maria Manuela Tavares, Carvalho, Joaquim Ramos de (dir.) (1995), *Repertório Bibliográfico da Historiografia Portuguesa (1974-1994)*, Instituto Camões – FL da Universidade de Coimbra.
- Cordeiro, Célia Carmen (2012), *Ana de Castro Osório e a Mulher Republicana Portuguesa: Veículo de Regeneração da Nação e de Preservação da Identidade Nacional*, Lisboa, Fonte da Palavra.
- Costa, Célia Rosa Batista (2007), *O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947) – Uma organização feminista*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Cova, Anne (1998), «L'enseignement de l'Histoire des Femmes dans la Péninsule Ibérique», in Anne-Marie Sohn et Françoise Thélamon (dir.), *L'Histoire sans les femmes est-elle possible?*, Paris, Perrin, 313-323.
- Cova, Anne (1999), «Escrever a História das Mulheres», in *Atas dos V Cursos Internacionais de Verão de Cascais (6 a 11 de Julho de 1998)*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 4, 117-130.
- Cova, Anne (2003), «L'histoire des femmes au Portugal: le XXe siècle», in Anne Cova e Gisela Bock (dir.), *Écrire l'histoire des femmes en Europe du Sud: XIXe-XXe siècles*, Oeiras, Celta Editora, 49-66.
- Cova, Anne, Bock, Gisela (2003) (dir.), *Écrire l'histoire des femmes en Europe du Sud: XIXe-XXe siècles*, Oeiras, Celta Editora.
- Cova, Anne et al. (2004), Idem et al. (2004) (orgs.), *Desafios da Comparação. Família, Mulheres e Género em Portugal e no Brasil*, Oeiras, Celta Editora.
- Cova, Anne et al. (2008) (dir.), *História Comparada das Mulheres: Novas Abordagens*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Eduardo, Joaquim Mário Cortes (2004), *Adelaide Cabete (1867-1935): biografia de uma profesora feminista*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Elina Guimarães: *Uma Feminista Portuguesa, Vida e Obra (1904-1991)* (2004), Lisboa, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Emonts, Anne Martina (2001), «Onde há galo não canta galinha» – *Discursos femininos, femi-*

- nistas e transgressivos nos anos vinte em Portugal*, Lisboa, ONG do Conselho Consultivo da CIDM.
- Esteves, João (1988), *A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas – uma organização política e feminista (1908-1919)*, Lisboa, FCSH da Universidade Nova de Lisboa.
- Esteves, João (1992), *A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas – uma organização política e feminista (1909-1919)*, Lisboa, ONG do Conselho Consultivo da CIDM.
- Esteves, João (1997), «A Coleção Castro Osório – Ana de Castro Osório (1872-1935)», *Leituras*, S. 3, 1, 169-174.
- Esteves, João (1998a), *As Origens do Sufragismo Português*, Lisboa, Editorial Bizâncio.
- Esteves, João (1998b), «A fidelidade das mulheres republicanas a Afonso Costa: a Associação Feminina de Propaganda Democrática (1915-1916)», *Leituras*, S. 3, 3, 119-128.
- Esteves, João (2003), «Falar de Mulheres: Silêncios e Memórias», in Zília Osório de Castro (dir.) e António Ferreira de Sousa e Marília Favinha (coord.), *Falar de Mulher – Da Igualdade à Paridade*, Lisboa, Livros Horizonte, 63-84.
- Esteves, João (2006a), «Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947)», *Faces de Eva*, 15, 113-135.
- Esteves, João (2006b) «As Primeiras-Damas – Primeira República», in *As Primeiras-Damas – Fotobiografia*, Lisboa, Museu da Presidência da República, 3-26.
- Esteves, João (2008), *Mulheres e republicanismo (1908-1928)*, Lisboa, CIG.
- Fiadeiro, Maria Antónia (2003), *Maria Lamas. Biografia*, Lisboa, Quetzal Editores.
- Garcia, Maria Antonieta (2009), *Carolina Beatriz Ângelo – Guarda(dora) da Liberdade (1878-1911)*, Guarda, Câmara Municipal da Guarda.
- Garcia, Maria Antonieta (2011), *Carolina Beatriz Ângelo (Médica, republicana, sufragista...)*, s.l., Fonte da Palavra.
- Gomes, Joaquim Ferreira (1987), *A Mulher na Universidade de Coimbra – Alguns dados para uma investigação*, Coimbra, Livraria Almedina.
- Gomes, Joaquim Ferreira Gomes (1991), «Domitila de Carvalho: a primeira mulher na Universidade de Coimbra», *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXV, 3-23.
- Gorjão, Vanda (1994), *A reivindicação do voto no programa do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947)*, Lisboa, ONG do Conselho Consultivo da CIDM.
- Gorjão, Vanda (2002), *Mulheres em tempos sombrios. Oposição feminina ao Estado Novo*, Lisboa, ICS.
- Guinote, Paulo (1997), *Quotidianos Femininos (1900-1933)*, Lisboa, ONG do Conselho Consultivo da CIDM.
- Joaquim, Teresa et al. (orgs.) (2003), *Novos Olhares. Passado e Presente nos Estudos Sobre as Mulheres em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
- Lamas, Rosmarie Wank-Nolasco (1995), *Mulheres para além do seu tempo*, Lisboa, Bertrand Editora.
- Leal, Ivone (1992), *Um século de periódicos femininos*, Lisboa, CIDM.
- Leal, Ivone (coord.) (1994), *Fontes Portuguesas para a História das Mulheres*, Lisboa, IBNL.
- Lousada, Isabel (2010), *Adelaide Cabete (1867-1935)*, Lisboa, CIG.
- Lousada, Isabel (2011), *Perfil de uma pioneira: Adelaide Cabete (1867-1935)*, s.l., Fonte da Palavra.
- Maria Veleda, Uma Professora Feminista, Republicana e Livre-Pensadora* (2005), Lisboa, CML – Biblioteca-Museu República e Resistência.
- Mariano, Fátima (2011), *As Mulheres e a I República*, Casal de Cambra, Caleidoscópico.
- Marques, A. H. de Oliveira (2004), «Rumos da Historiografia Portuguesa», *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 4, 257-276.
- Medeiros, Fátima Ribeiro de (1991), «Uma conselheira de Afonso Costa: Ana de Castro

- Osório», in *A Vida da República Portuguesa: 1880-1990*, Lisboa, Cooperativa de Estudos e Documentação, Universitária Editora, 343-376.
- Moacho, Dulce Maria Baptista (2003), *Ana de Castro Osório e as origens do feminismo em Portugal*, Lisboa, ISCTE.
- Monteiro, Natividade (2004a), *Maria Veleda (1871-1955) – Uma professora feminista, republicana e livre-pensadora: caminhos trilhados pelo direito de cidadania*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Monteiro, Natividade (2004b), *Maria Veleda (1871-1955)*, Lisboa, CIDM.
- Monteiro, Natividade (2012), *Maria Veleda (1871-1955) – Uma professora feminista, republicana e livre-pensadora. Caminhos Trilhados pelo Direito de Cidadania*, Olhão, Gente Singular Editora, 2012.
- Moura, Maria Lúcia de Brito (2010), «Resistências católicas», in Teresa Pinto (coord.), *Percursos, conquistas e derrotas das mulheres na 1.ª República*, Lisboa, CML – Biblioteca Museu República e Resistência, 63-68.
- Moura, Maria Lúcia de Brito (2011), «Resistências femininas ao laicismo republicano», in Zília Osório de Castro, João Esteves e Natividade Monteiro (coord.), Lisboa, Edições Colibri, 145-178.
- Mulheres em Portugal: comunicações ao Colóquio organizado pelo Instituto de Ciências Sociais* (1986), Lisboa, *Análise Social*, XXII, 92-93.
- Neves, Helena (1972), «A mulher portuguesa no advento da República», *Seara Nova*, 1524, 2-4.
- Neves, Helena (1979-1981), «Para a história dos movimentos de mulheres em Portugal», *Mulheres*. Pedi intervalo de nºs [TP]
- Nóvoa, António (1987), *Le temps des professeurs*, Lisboa, INIC.
- Nóvoa, António (1992) (org.), *Vidas de professores*, Porto, Porto Editora.
- Nóvoa, António (2003) (dir.), *Dicionário de Educadores Portugueses*, Porto, Asa.
- Pimentel, Irene Flunser (2000), *História das Organizações Femininas no Estado Novo*, Círculo de Leitores.
- Pimentel, Irene Flunser (2007), *Mocidade Portuguesa Feminina*, Lisboa, A Esfera dos Livros.
- Pinto, Teresa et al. (2010) (coord.), *Percursos, conquistas e derrotas das mulheres na 1.ª República*, Lisboa, CML – Biblioteca Museu República e Resistência.
- Pinto, Teresa (2010), «Percursos, conquistas e derrotas na 1.ª República. Um lugar de memória», in Teresa Pinto (coord.), *Percursos, conquistas e derrotas das mulheres na 1.ª República*, Lisboa, CML – Biblioteca Museu República e Resistência, 9-13.
- Quotidiano feminino, 1900-1940* (2001), Lisboa, DPC– Arquivo Municipal de Lisboa.
- 4 Roteiros feministas na cidade de Lisboa* (2010), UMAR e Faces de Eva, FCSH da UNL.
- Rosa, Maria José Madaíl (1979), *A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas 1909: através das suas publicações A mulher e a criança e A madrugada*, Lisboa, FL da Universidade de Lisboa.
- Samara, Maria Alice (2007), *Operárias e Burguesas. As mulheres no tempo da República*, Lisboa, A Esfera dos Livros.
- Seixas, Maria Augusta (2004), *Virgínia Quaresma (1882-1973). A primeira jornalista portuguesa*, Coimbra, Universidade de Coimbra.
- Seminário de Estudos sobre a Mulher* (1984), «Estudos sobre a Mulher: atas», *Boletim da Comissão da Condição Feminina*, nºs 1-2.
- Serralheiro, Lúcia (2011), *Mulheres em Grupo Contra a Corrente*, Rio Tinto, Evoluta Edições.
- Silva, Maria Regina Tavares da, Vicente, Ana (s.a.), *Mulheres Portuguesas: Vidas e Obras Celebradas – Vidas e Obras Ignoradas*, Lisboa, CIDM.
- Silva, Maria Regina Tavares da (1999), *A Mulher. Bibliografia portuguesa anotada (Monografias, 1518-1998)*, Lisboa, Edições Cosmos.

- Silva, Maria Regina Tavares da (2005), *Carolina Beatriz Ângelo (1877-1911)*, Lisboa, CIDM.
- Silva, Maria Regina Tavares da (2013), «Comissão da condição Feminina», in João Esteves e Zília Osório de Castro (dir.), *Feminae. Dicionário Contemporâneo*, Lisboa, CIG, 195-202.
- Silva, Maria Regina Tavares da, «História no feminino: os movimentos feministas em Portugal», in João Medina (org.), *História de Portugal: dos tempos pré-históricos aos nossos dias*, Lisboa, Ediclube, vol. XV, 283-299.
- Souza, Maria Reynolds de (2003), «Instituições onde se realizam Estudos Sobre as Mulheres», *Notícias*, CIDM, 68, 21-24.
- Stone, Maria Emília (2010), «Resistências monárquicas», in Teresa Pinto (coord.), *Percursos, conquistas e derrotas das mulheres na 1.ª República*, Lisboa, CML – Biblioteca Museu República e Resistência, 56-62.
- Stone, Maria Emília (2011), «Vivências monárquicas», in Zília Osório de Castro, João Esteves e Natividade Monteiro (coord.), Lisboa, Edições Colibri, 125-144.
- Vaquinhas, Irene (1996), «Estudos sobre as mulheres na área da História», *História*, ano XVIII (Nova Série), 18, 50-61.
- Vaquinhas, Irene (2000), «Breve reflexão historiográfica sobre a história das mulheres em Portugal: o século XIX», *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, 3, 81-101.
- Vaquinhas, Irene (2002), «Impacte dos estudos sobre as mulheres na produção científica nacional: o caso da História», *ex-aequo*, 6, 147-174.
- Vaquinhas, Irene (2003), «L'historiographie sur les femmes au Portugal: le XIXe siècle», in Gisela Bock e Anne Cova (dir.), *Écrire l'histoire des femmes en Europe du Sud: XIXe-XXe siècles*, Oeiras, Celta Editora, 27-47.

João Esteves. Professor. Autor de livros, artigos, biografias, comunicações e conferências sobre o associativismo político, republicano, maçónico, feminino e feminista das mulheres na 1.ª metade do séc. XX. Publicou *A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas: uma organização política e feminista (1909-1919)*; *As Origens do Sufragismo Português*; e *Mulheres e Republicanismo (1908-1928)* [2008]. Dirigiu, com Zília Osório de Castro, o *Dicionário no Feminino* [2005] e *Feminae. Dicionário Contemporâneo* [2013].

Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Centro de Estudos de História Contemporânea, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa, Portugal. jotaesteves@sapo.pt

Artigo recebido em 28 de março de 2014 e aceite para publicação em 27 de julho de 2014.